

**Regiane Matos**

Pesquisadora independente

E-mail:

[regianematos89@gmail.com](mailto:regianematos89@gmail.com)**Nadia Ayelén Medail**

Universidade de São Paulo –

USP

E-mail: [ayelenmedail@usp.br](mailto:ayelenmedail@usp.br)

Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

## A poesia que une? Trocas literárias e intelectuais entre Gabriela Mistral e Mário de Andrade

*Poetry as a bridge?  
The literary and intellectual dialogue  
between Gabriela Mistral and Mário de  
Andrade*

*¿La poesía que une?  
Intercambios literarios e intelectuales  
entre Gabriela Mistral y Mário de  
Andrade*

Matos, R., & Medail, N. A. A poesia que une? : Trocas literárias e intelectuais entre Gabriela Mistral e Mário de Andrade. *Revista Eco-Pós*, 28(3), 202–229. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i3.28546>

**RESUMO**

O estudo da correspondência de escritoras e escritores revela processos de trocas literárias e intelectuais. As cartas de Mário de Andrade (1893-1945) já foram objeto de vários estudos e edições críticas. Neste artigo, partimos de uma pergunta principal: quais as potencialidades reveladas na troca epistolar entre escritores homens e mulheres escritoras? Quais lógicas patriarcais atravessam essas redes de sociabilidade? Em um primeiro momento, apresentamos Gabriela Mistral (1889-1957) e explicamos o início de sua relação profissional, pessoal e literária com o Brasil, que teve como ponto de partida as trocas profissionais e intelectuais com Cecília Meireles (1901-1964) e Henriqueta Lisboa (1901-1985). Na sequência, analisamos a correspondência trocada entre Gabriela Mistral e Mário de Andrade a fim de compreender as potencialidades do arquivo de um escritor homem na pesquisa sobre mulheres escritoras, explorando as lógicas patriarcais que atravessam esses diálogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Gabriela Mistral (1889-1957); Mário de Andrade (1893-1945); Cecília Meireles (1901-1964); Henriqueta Lisboa (1901-1985); Arquivos Literários.*

**ABSTRACT**

The study of the correspondence between female and male writers reveals processes of literary and intellectual exchange. The letters of Mário de Andrade (1893-1945) have been the subject of several studies and critical editions. The analysis revolves around the following questions: What potentialities are revealed through the epistolary dialogue between male and female writers? What patriarchal logics permeate these networks of sociability? First, we present Gabriela Mistral (1889-1957) and trace the origins of her professional, personal and literary relationship with Brazil, which began through the professional and intellectual exchanges with Cecília Meireles (1901-1964) and Henriqueta Lisboa (1901-1985). After that, we analyze the dialogue in letters of Gabriela Mistral (1889-1957) and Mário de Andrade. We begin with the correspondence exchanged between Gabriela Mistral and Mário de Andrade, to understand the potential of the archive of a male writer in research on female writers, exploring the patriarchal logics that permeate these dialogues.

**KEYWORDS:** *Gabriela Mistral (1889-1957); Mário de Andrade (1893-1945); Cecília Meireles (1901-1964); Henriqueta Lisboa (1901-1985); Literary Archives.*

**RESUMEN**

El estudio de las cartas de escritoras y escritores revela un proceso de intercambio literario e intelectual. Las cartas de Mário de Andrade (1893-1945) han sido el objetivo de varios estudios y ediciones críticas. En este artículo el punto de partida son preguntas: ¿Cuáles son las potencialidades que se revelan en el intercambio epistolar entre escritores y escritoras? ¿Cuáles son las lógicas patriarcales que atraviesan esas redes de sociabilidad? Empezamos por presentar a Gabriela Mistral (1889-1957) y explicar cómo comienza su relación profesional, personal y literaria con Brasil, cuyo punto de partida fueron los intercambios intelectuales y profesionales con Cecília Meireles (1901-1964) y Henriqueta Lisboa (1901-1985). A seguir, analizamos las cartas intercambiadas entre Gabriela Mistral y Mário de Andrade con el fin de comprender las potencialidades del archivo de un escritor hombre en la investigación sobre mujeres escritoras, explorando las lógicas patriarcales que subyacen a esos diálogos.

**PALABRAS CLAVE:** *Gabriela Mistral (1889-1957); Mário de Andrade (1893-1945); Cecília Meireles (1901-1964); Henriqueta Lisboa (1901-1985); Archivos Literarios.*

Submetido em 30 de junho de 2025.  
Aceito em 18 de outubro de 2025.

## Introdução

A partir do Fundo Mário de Andrade, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB), vinculado à Universidade de São Paulo (USP), desde 1968, exploramos neste artigo as conexões do autor de Macunaíma com Gabriela Mistral. O objetivo é compreender as potencialidades do arquivo de um escritor homem na pesquisa sobre mulheres escritoras, explorando as lógicas patriarcais que atravessam as redes de sociabilidade a partir da análise das representações destes dois intelectuais tanto na troca epistolar como em artigos por eles assinados e publicados em veículos de imprensa do Brasil.

O Fundo Mário de Andrade (Fundo MA) foi adquirido pela USP em 1967 e doado, em 1968, ao IEB, referência nacional em catalogação, conservação e uso de tecnologias para pesquisa em acervo. O Fundo MA é dividido em Arquivo (composto por aproximadamente 30 mil documentos, entre manuscritos, datiloscritos, correspondências etc.), Biblioteca (17.624 volumes, entre periódicos, obras sobre música, folclore, etnografia, antropologia etc.) e Coleção de Artes Visuais (— composta por pinturas, desenhos, gravuras e esculturas, em sua maioria da arte moderna brasileira, totalizando 1.234 peças; 667 obras de arte; 237 peças de cunho religioso e popular; 317 produzidas durante a Revolução de 1932 e 13 peças de mobiliário) <sup>1</sup>.

O arquivo de Gabriela Mistral está conservado na Biblioteca Nacional de Chile (BNC). De acordo com os dados fornecidos por Claudia Tapia Roi, encarregada do *Archivo do Escritor da BNC*, o acervo está completamente catalogado e digitalizado há pouco menos de uma década. Esse arquivo encontrava-se disperso até 2007, quando Doris Atkinson, sobrinha de Doris Dana, a companheira de Mistral das últimas décadas de vida, doou mais de três toneladas de documentos pertencentes à escritora, que foram transportados de Nova Iorque para Santiago de navio. Com isso, o Chile recuperou o acervo de uma de suas mais importantes intelectuais. Além de manuscritos, é possível encontrar gravações sonoras, correspondência pessoal e burocrática, objetos e fotografias.

A escrita arquivada apresenta ao pesquisador outros desafios: o de ler nas entrelinhas do arquivo, e detectar não apenas o que aí consta, mas também o que falta, o que deveria estar.

---

<sup>1</sup> LANNA, Ana (org.). Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), 2010, p. 197-204.

Citando Derrida *apud* Duarte (2007), “O arquivo sempre foi um penhor e como todo o penhor, um penhor de futuro” (Derrida *apud* Duarte, 2007, p. 69). E é por investir nesse futuro, de forma consciente ou não, que o escritor preserva o seu próprio acervo. Nesse sentido, valorizamos o potencial dos arquivos de Mário e Gabriela para a compreensão do modernismo brasileiro no diálogo com as vanguardas latino-americanas, reforçando a teoria da história intelectual a partir das redes de sociabilidade, sobretudo dentro do universo epistolar. As lacunas, os vazios textuais, quando vistos em diálogo, proporcionam o entramado da rede, evidenciando desequilíbrios, favoritismos, interesses particulares ou conjuntos, e divergências.

## 1 Fios da rede

O recorte temporal deste trabalho engloba duas décadas, de 1925 a 1945, período que compreende a primeira (1925) e segunda (1937) visita de Gabriela Mistral ao Brasil e os anos em que ela morou no país enquanto exercia o cargo de cônsul do Chile. A carreira da chilena, que já contava com um certo prestígio regional desde seu trabalho no México (1922-1925), representou uma espécie de *fundação* da relação intelectual e literária entre o Chile e o Brasil. Seu prestígio chamou a atenção de escritores e escritoras brasileiras(os), que encontraram-na a oportunidade para o intercâmbio de informações, de bibliografia, de contatos, de notícias, enfim, um conglomerado de atividades em prol da difusão e da integração cultural da região (Horan, 2024).

Gabriela Mistral (1889-1957), pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, foi uma importante intelectual e poeta chilena, reconhecida mundialmente pela sua atividade educativa e literária, e por ter sido laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 1945. Antes de chegar ao Brasil, Mistral já era reconhecida e seus passos pelo mundo eram noticiados na imprensa, como é possível constatar em vários jornais disponíveis no Acervo Digital da Hemeroteca Nacional<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A maioria das notícias sobre Mistral foram publicadas nas seções de notícias sobre América. Entre os jornais cariocas consultados, entre 1922 e 1929 encontramos ocorrências em: *O Paiz* (com 24 ocorrências) e a *Gazeta de Notícias* (12 ocorrências); entre 1922 e 1939, o *Jornal do Brasil* (66 ocorrências) e *O Jornal* (51). Em São Paulo, os jornais começaram a dar mais visibilidade à chilena a partir de 1936. Sendo assim, entre 1922 e 1929, o *Correio Paulistano* e a *Gazeta* foram os que mais noticiaram, com 8 e 4 ocorrências, respectivamente, sendo que o primeiro continuou rendendo-lhe homenagem na década seguinte, com 19 matérias sobre a carreira consular, intelectual e poética de Mistral, seguido de *A Tribuna*, com 8 menções.

Seu percurso não foi fácil, se considerarmos sua condição — nascida mulher, na zona rural, no seio de uma família de escassos recursos. Para conquistar esses espaços e obter reconhecimento internacional, ela se apoiou em redes de sociabilidade com outros(as) intelectuais e escritores(as) da época.

Graças a Cecília Meireles (1901-1964), ao chegar no Brasil, em 1940, Mistral já tinha amizades no país, entre os quais Mário de Andrade (1893-1945) e Henriqueta Lisboa (1901-1985), com quem dialogou sobre a situação cultural latino-americana, a integração regional e a literatura. O quarteto formado pode ser entendido dentro do conceito de *rede de intelectuais*, como elaborado por Devés Valdés (2007), segundo o qual é um:

conjunto de personas ocupadas en los quehaceres del intelecto que se contactan, se conocen, intercambian trabajos, se escriben, elaboran proyectos comunes, mejoran los canales de comunicación y, sobre todo, establecen lazos de confianza recíproca (Valdés, 2007, p. 22).

Por sua vez, Ângela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016) analisam:

A sociabilidade intelectual é entendida como uma prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definem seus objetivos (culturais e políticos) e formas associativas – muito variáveis e podendo ser mais ou menos institucionalizadas –, para atuar no interior de uma sociedade mais ampla. Nessas redes e lugares dominam tanto dinâmicas organizacionais, que conferem estrutura ao grupo e posições aos que dele participam; como o compartilhamento de sentimentos, sensibilidades e valores, que podem produzir solidariedades, mas igualmente competição. (Gomes; Hansen, 2016, p. 52, grifo no original).

Essa rede no Brasil foi motorizada pelo projeto intelectual latino-americanista mistraliano que consistiu, em maior medida, na divulgação da literatura brasileira no Chile e vice-versa. No Brasil, os jornais cariocas serviram de veículo para essa tarefa, oferecendo lugar em suas páginas para seus ensaios e artigos que noticiavam, entre outro, sobre compatriotas, entre os quais a pianista chilena Hermínia Raccagni<sup>3</sup>. No Chile, as páginas de *El Mercurio* hospedaram os textos que Mistral escreveu sobre artistas brasileiros(as), como o “Recado para

<sup>3</sup> GM publicou artigo sobre a musicista no jornal A Manhã. Cf. MISTRAL, Gabriela. “Herminia Raccagni, no Rio”. In: *A Manhã*, 20 jul. 1944, p. 5.

Dona Carolina Nabuco<sup>4</sup> (*El Mercurio*, 1941, sem página), ensaio publicado também em português na imprensa brasileira. Outros ensaios não publicados na imprensa demonstram o agudo interesse que a escritora tinha pelas letras brasileiras. A título de exemplo, constam no arquivo da Biblioteca Nacional do Chile (BNC): “Recado sobre Mário de Andrade” e “Dinah Silveira de Queiroz”, também compilados por Carlos Decap (2022, p. 76-78).

Apesar de sua função consular conceder-lhe oficialidade, a correspondência da escritora chilena com nomes importantes da cena cultural brasileira comprova que ela era tida em alta estima por seus colegas do Brasil e era articuladora desses intercâmbios, como o evidenciam as duas cartas do jornalista e musicólogo Renato Almeida (1895-1981), editor e diretor, entre 1943 e 1945, do suplemento *Pensamento da América*, do jornal *A Manhã*.

É possível também delinear, por outro lado, o projeto latino-americano mediante algumas entrevistas. Salientamos a concedida a Solena Benevides Vianna, publicada no suplemento *Pensamento da América*, do Jornal *A Manhã*, em 26 de agosto de 1945, em que Mistral se debruça na literatura feminina do Brasil, estabelecendo tradições e comparações continentais que permitem pensarmos à chilena e suas trocas no Brasil em chave feminista. Além disso, na mesma entrevista a poeta dedica um parágrafo exclusivo ao Modernismo brasileiro — movimento do qual Mário de Andrade foi um dos principais mentores — lhe outorgando um lugar central na região e elogiando-o por cima do movimento homônimo (porém distinto) hispano-americano, ao qual ela se filiou nos primeiros anos de sua carreira.

Nas palavras de Gabriela Mistral:

O modernismo na América Espanhola foi coisa muito diferente do Brasil. Lá constituiu um movimento voltado para a França, por causa do afrancesamento de Rubén Darío, mestre de minha geração. O modernismo se traduz, entre os poucos hispanizantes, em uma saturação de gongorismo e de poesia arcaísta, tudo isto mesclado, às vezes, de uma mistura quase impossível de analisar hoje, tão barroca resulta, passados vinte anos. [...] Para vocês, em compensação, o modernismo volveu até o vernáculo. Grande intuição e ótima sementeira para fertilizar a geração seguinte<sup>5</sup> (Mistral *apud* Vianna, 1945, p. 99).

<sup>4</sup> Publicado em português no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1941, e logo no jornal *El Mercurio*, de Santiago do Chile, em 20 de junho do mesmo ano.

<sup>5</sup> VIANNA, Solena Benevides. O panorama literário feminino no Brasil visto por Gabriela Mistral. In: *Pensamento da América*, 26 ago. 1945, p. 99.

No trecho, a poeta destaca o valor inovador do modernismo brasileiro e a habilidade do Brasil para se desvencilhar da literatura da metrópole que, no caso hispano-americano, ainda estaria em processo. A metáfora da “sementeira”, cuja fertilidade será fundamental para as futuras gerações, permite refletir também acerca da capacidade de Mistral para traçar futuros cenários possíveis. Este tipo de declarações não é gratuito, se considerarmos que Gabriela Mistral residia há cinco anos em território brasileiro, tempo suficiente para se familiarizar com a literatura do país, com seus movimentos literários e, em especial, com os e as escritoras(es) brasileira(os) mais renomados, como é o caso de Mário de Andrade, já falecido na época.

Em 1945 também é publicada a palestra de Gabriela Mistral intitulada *Dos culturas: Brasil y América*, para celebrar os primeiros anos do Instituto Brasil-Chile. Ali Gabriela Mistral discorre sobre a questão idiomática, argumentando que o divórcio linguístico no velho continente começa a chegar a seu fim graças às empreitadas unificadoras, como o mencionado Instituto. Cinco anos antes, em homenagem à Federação das Academias de Letras do Brasil e à Associação de Escritores e Artistas Americanos, Gabriela Mistral lê e publica *Los negocios del idioma*, em 1940<sup>6</sup>. O ensaio não economiza palavras para elogiar as letras brasileiras, trata também do divórcio idiomático, das aptidões de cada língua — para o espanhol, a prosa, para o português, o verso.

O caso estudado neste artigo se diferencia por tratar de um diálogo, por meio de cartas, entre atores no Modernismo brasileiro (no caso, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade) e Gabriela Mistral, autora e intelectual, que extrapola as fronteiras das correntes intelectuais e literárias do seu tempo e lugar.

Tais cartas são uma espécie de palimpsesto de projetos, com e sem conclusão, de traduções e de artigos de divulgação de suas obras. Trata-se de um projeto de integração regional através da literatura que se contorna também a partir da troca de contatos de outras partes do continente. O caso mais emblemático é o da revista argentina *Sur*, que publica no número 96, de setembro de 1942 (Figura 1), dedicado inteiramente à literatura brasileira.

---

<sup>6</sup> Segundo Carlos Decap (2022, p. 416), editor do livro *Escritos en Brasil: prosa y cartas*, o ensaio de 1940 foi corrigido e ampliado, resultando no ensaio de 1945.



A iniciativa de dedicar um número da revista ao Brasil partiu de María Rosa Oliver, escritora e intelectual argentina, uma das fundadoras da revista *Sur* e amiga de Victoria Ocampo. Mistral residia no Rio de Janeiro, onde atuava como cônsul desde 1940. Quando Oliver passa uma temporada no Brasil, Mistral a recebe em sua casa de Petrópolis e a apresenta a seus amigos escritores brasileiros, como Mário de Andrade e Vinicius de Moraes, dois entre os nomes que a intelectual argentina registra em seu diário pessoal (Petra, 2020, p. 5).

Esse intercâmbio entre as escritoras já contava com alguns anos, sendo que em 1938, por exemplo, Maria Rosa Oliver fez a revisão de *Tala*, o penúltimo livro de Mistral publicado pela editoria *Sur*, conforme documentado na carta de maio de 1938, enviada por Gabriela Mistral para as duas amigas, Victoria Ocampo e María Rosa Oliver, de maneira conjunta pois “les veo a Uds. juntas siempre” (Mistral; Ocampo, 2007, p. 87), argumenta Gabriela. Em seu livro *El sur y los trópicos* (2004), Ana Pizarro sustenta que as mulheres “necesitan asentarse en su situación de marginalidad para constituirlo en lugar de enunciación” (Pizarro, 2004, p. 168) e para isso tecem verdadeiras redes de sociabilidade e solidariedade entre si por todo o continente. Além do trio Mistral-Lisboa-Meireles e Mistral-Ocampo-Oliver, a participação de Mário de Andrade foi crucial para a projeção literária de todas elas no Brasil, ao considerarmos o lugar privilegiado do paulistano no circuito literário e intelectual.

Na Figura 2 temos o índice de artigos e autores do número 96 da revista *Sur*. Petra (2020, p. 5) revela que María Rosa Oliver conheceu Jorge Amado ainda em Buenos Aires, e que ele fora o nexos com outros artistas e poetas, como Vinicius de Moraes. Manuel Bandeira foi um grande amigo de Mistral, trocaram correspondência e se traduziram entre si. No arquivo de Mistral há dois cadernos de manuscritos<sup>7</sup> em que aparecem traduções de poemas de Bandeira, o caderno 36 e o arquivado sob o título *Traducciones brasileñas*, este último também contém traduções de poemas de Ribeiro Couto, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, todos nomes publicados no número 96, além da tradução do poema *Tonada*, de Mário de Andrade, que consta no número de homenagem ao Brasil. Não é possível verificar se a tradução publicada é realmente de Mistral, visto que a edição não informa autoria de tradução e revisão, mas é possível

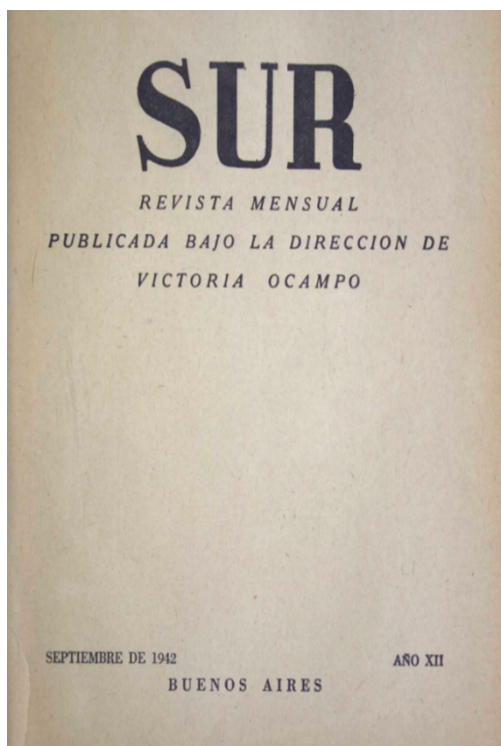
<sup>7</sup> Cuaderno 36, [Traducciones de poesía brasileña], manuscrito de Gabriela Mistral; [Traducciones de poesía brasileña], manuscrito de Gabriela Mistral.



conjecturar que muitos dos contatos estabelecidos por María Rosa Oliver vieram de recomendações de Gabriela Mistral.

A maioria dos nomes que constam na pequena antologia da poesia moderna brasileira foram amigos próximos da chilena, escritores que trocaram correspondência com ela, frequentaram sua casa em Petrópolis, tal como fizera María Rosa Oliver nos meses em que morou no Brasil. Na sequência, as Figuras 1, 2 e 3 são apresentadas como recurso ilustrativo e complementar às informações expostas. Desse encontro há registros fotográficos no Acervo Gabriela Mistral da BNC (Figura 3) e uma menção em carta de 27 de novembro de 1942, poucos meses depois de deixar o Brasil<sup>8</sup>.

**Figura 1 – Capa de Sur, año XII, n. 96, septiembre de 1942**



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, Argentina. Acesso em: 13 dez. 2025.

<sup>8</sup> Carta de María Rosa Oliver a Gabriela Mistral, 27 nov. 1942.

Figura 2 – Índice de Sur, año XII, n. 6, septiembre de 1942, p. 115

ÍNDICE	
HOMENAJE AL BRASIL	
Una encuesta sobre la novela brasileña, por Manuel Bandeira	pág. 7
En el muelle, por Jorge Amado	14
La moderna poesía brasileña, por Vinicius de Moraes	19
PEQUEÑA ANTOLOGÍA DE LA POESÍA BRASILEÑA ACTUAL:	
Rondó del Jockey Club, por Manuel Bandeira	30
Tonada, por Mario de Andrade	34
Sueño, por Aníbal Machado	38
Acuario de la Cirurgia, por Ribeiro Couto	42
Canción de la niña antigua, por Cecilia Meireles	44
Lloro del poeta actual, por Murilo Mendes	46
El nombre de la musa, por Jorge de Lima	48
Mundo grande, por Carlos Drummond de Andrade	52
Los príncipes, por Augusto Frederico Schmidt	58
Poema al recién nacido, por Adalgisa Nery	60
La mujer que pasa, por Vinicius de Moraes	62
Romance de Morubirá, por Rachel de Queiroz	66
La pintura contemporánea en el Brasil, por Ruben Navarro	74
Montes claros, toma y no suelta, por Marques Rebêlo	84
Noche de luna, por Rubem Braga	87
N O T A S	
Palabras del Presidente del Brasil	93
Mensaje de los argentinos al Presidente del Brasil	94
Luz y black-out en Río, por Alvaro de Silva	95
Escritores brasileños que han colaborado en este número	99
Sobre Alexis Saint-Léger Léger, por Archibald MacLeish	102
CALENDARIO, por Ernesto Sabato	107
<p><small>Todos los materiales han sido exclusivamente escritos para SUR. Queda prohibido reproducir íntegra o fragmentariamente cualquiera de ellos sin autorización especial o sin mención en prelación.</small></p> <p><small>Los originales deben ser enviados a la Dirección: San Martín 689. Registro Nacional de la Propiedad Intelectual N° 037921. Título de marca N° 159.406.</small></p>	

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, Argentina. Acesso em: 13 dez. 2025.

Figura 3 – Fotografia de María Rosa Oliver e Gabriela Mistral no quintal desta última em Petrópolis, ano 1942, autor desconhecido



Fonte: Acervo Gabriela Mistral, Archivo del Escritor da Biblioteca Nacional do Chile. Acesso em: 13 dez. 2025.

## 2 A quadrilha: Meireles, Lisboa, Mistral e Andrade

Quem conheceu primeiro Gabriela Mistral foi Cecília Meireles, em 1937 (Matos, 2020). Uma vez residindo no Brasil, Mistral convida a brasileira para trabalharem juntas no Consulado do Chile, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal do país. Segundo Pizarro (2005, p. 71), Meireles assume as traduções literárias, pesquisa e escreve sobre autores chilenos e latino-americanos. Há entre elas, de acordo com Valdés (2003, p. 115), semelhanças biográficas: a orfandade de pai, a docência, as experiências com suicidas, as viagens e interesses sociais e culturais, tais como a educação, as crianças, leituras comuns, a difusão e integração literária na América Latina.

Em carta de 23 de maio de 1944, Cecília Meireles começa, em tom brincalhão, reclamando da falta de resposta de Gabriela Mistral: “Querida Gabriela: sempre abandonada por V.”.<sup>9</sup> Em outra mensagem de 26 de julho 1943, Cecília chama a chilena de “Rainha Quéchua (já que não quer ser auracana)”<sup>10</sup>, demonstrando intimidade ao ponto de *brincar* com sua procedência. Em relação ao trabalho desempenhado conjuntamente no consulado e no *Jornal A Manhã*, do qual Gabriela Mistral também foi colaboradora assídua e Cecília Meireles sua tradutora, Meireles declara: “Na minha opinião, aliás, os sul-americanos deviam ser publicados no original. Por que fazer este crime e metê-los noutra pele, quando nós todos entendemos tão facilmente o espanhol, e com a prática de lê-lo ainda o viríamos a entender”<sup>11</sup>.

Trata-se de uma opinião compartilhada parcialmente pelas duas poetisas. No já mencionado ensaio *Dos culturas: Brasil y América*, a chilena arrisca dizer, se aproximando da opinião de Cecília Meireles, que a força do hábito pode criar uma unidade linguística no subcontinente:

El hecho vulgar de leer lo ajeno cotidianamente se vuelve una operación activa y mudadora de la índole, aunque esto sea imperceptible. [...] Quien sabe si, con paso moroso y sin darnos cuenta siquiera, iremos preparando nosotros, gente de lengua colonial, un segundo latín amplificado y purgado a la vez y que tendrá, como el latín mayor, un destino de unificación. (Mistral *apud* Decap, 2022, p. 59).

<sup>9</sup> Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, 23 maio 1944.

<sup>10</sup> Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, Rio de Janeiro, 26 jul. 1943.

<sup>11</sup> Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, Rio de Janeiro, 26 jul. 1943.

Um novo latim, almeja Gabriela Mistral, para unificar a América Latina. Uma língua decorrente da dinâmica social que seria resultado do convívio de nações herdeiras das línguas românicas coloniais. Embora essa ideia soe utópica ou fantasiosa nos dias de hoje, presenciamos um desenvolvimento doportunhol, contando inclusive com sistematização gramatical e presença em congressos e festivais literários da região.

A troca epistolar intensa evidencia a continuidade das traduções, como revela a carta de 1944, em que Cecília Meireles solicita alguns esclarecimentos para dar continuidade a seu trabalho: “Em que sentido está alí [*sic*] o verbo apurar? [...] parece-me melhor deixar a palavra henequen e fazer uma chamada, explicando em baixo que se trata do Agave Fourcroydes. Que acha?”<sup>12</sup>. Para as duas autoras, a tradução é comunicação, não é um trabalho unilateral, mas sim um diálogo.

Henriqueta Lisboa também traduziu textos de Gabriela Mistral, principalmente poesia. No depoimento à tradução dos poemas da chilena, Henriqueta Lisboa (2020, p. 308) comenta que admirava a poesia e personalidade de sua colega desde pequena, e que teve a oportunidade de conhecê-la pessoalmente em 1940, numa sessão da Academia Carioca de Letras, em que Gabriela Mistral pronunciou uma conferência. Para surpresa de Henriqueta Lisboa, Gabriela Mistral já conhecia seu nome por causa de Cecília Meireles (Lucares, 2021, p. 2) — a escritora carioca teve uma função de *ponte* com várias das personalidades das letras brasileiras, dentre as quais Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade.

Após esse encontro, que incluiu uma visita de Henriqueta Lisboa à casa de Gabriela Mistral, privilégio de alguns poucos. No Brasil, apenas Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa conheceram o lar da escritora, com quem iniciaram uma proveitosa troca de correspondências que durou até 1945. Na primeira carta enviada, Gabriela Mistral comenta: “Su poesía me ha creado el interés de su alma y para mí una visita no es nunca cosa de cortesía sino de lenta y dulce aproximación a los que me interesan de modo profundo” (Lisboa, 2020, p. 309). A visita será retribuída três anos depois, quando Gabriela Mistral vai para Belo Horizonte.

---

<sup>12</sup> Carta de Cecília Meireles a Gabriela Mistral, Rio de Janeiro, [1944].

A relação entre as três poetisas se dá por meio de afinidades literárias e intelectuais (a preocupação pelas crianças através da literatura infantil) e pessoal (são mulheres que, pela sua origem provinciana, demonstram timidez e desconfiança). Em uma carta sem data (apenas uma das cartas conservadas no arquivo do escritor mineiro está datada), Gabriela Mistral comenta a afinidade em comum: “El Continente Sur carece, así, nada menos, carece de literatura infantil. Nosotras dos tenemos en el género, ni abuelos, siquiera, ni padres” (Lisboa, 2020, p. 309). Nesse trecho percebe-se a importância que Gabriela Mistral dava à tradição literária, principalmente quando se trata de literatura escrita por mulheres, chegando a ser uma de suas constantes preocupações.

No mesmo trecho, Henriqueta Lisboa identifica a verdadeira motivação de Gabriela Mistral para falar sobre sua obra: a vocação dupla da chilena, magistério e poesia. Envia uma carta, em 12 de julho de 1942, expressando gratidão pela decisão de falar sobre sua obra e oferecendo o envio de alguns poemas e de dois livros inéditos que, segundo a própria Henriqueta Lisboa, são opostos. Por um lado, o livro escolhido no qual “se irradiam todas as minhas reservas de puerilidade e encantamento diante da vida”, ao passo que no outro “se concentra e se depura a minha lucidez angustiosa de ser entre as sombras do mundo”<sup>13</sup>. As duas escritoras compartilhavam o trabalho docente e a escrita poética, questão que também as aproximou. Segundo Paiva (2009):

tanto Henriqueta quanto Gabriela realizam certa transferência da missão de educar para o plano da literatura, pode-se dizer que elas fizeram da poesia uma forma de educar. Não que se prestassem a realizar uma poesia didática, mas, certamente estavam cientes da importância da literatura no processo de formação do leitor (Paiva, 2009, p. 1291).

Na tarefa educativa que a literatura desempenha, a tradução torna-se um quesito fundamental no projeto integrador regional. Henriqueta Lisboa traduziu 68 (sessenta e oito) poemas de Gabriela Mistral, além de alguns textos em prosa, demonstrando a predileção pela obra da chilena se compararmos o número de traduções de outros escritores. Gabriela Mistral elogiou o trabalho da amiga, ressaltando a necessidade da tradução para superar as barreiras da

<sup>13</sup> Carta de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, Belo Horizonte, 12 jul. 1942.

língua no continente: “Su traducción me honra y me salva dentro de su lengua” (Mistral, s/d.)<sup>14</sup>. No entanto, a poesia de Gabriela Mistral só será publicada no Brasil, muito depois do reconhecimento indiscutível alcançado com o Prêmio Nobel, em 1971 (Editora Opera Mundi); antes disso, e durante esses cinco anos que passou no Brasil, não teve nenhuma oferta editorial concreta, e suas traduções circularam pela imprensa brasileira.

A correspondência entre as duas escritoras assume uma forma de convívio intelectual e cultural em que a recomendação de autores (em 30/10/1945, Henriqueta Lisboa indica o livro *Infâncias* de Graciliano Ramos e envia um exemplar de seu livro *A Face Lívida*), a discussão sobre livros e a crítica literária, ganham um lugar central. A respeito da crítica, em 20/04/1944, Henriqueta Lisboa responde a uma carta de Gabriela Mistral na qual expressa sua desconformidade com a crítica do livro *O menino poeta no Brasil*, que a mineira afirma não ter lido, seguindo conselho de Mário de Andrade, que lhe disse para não dar muita importância à crítica brasileira, pouco profunda e profissional em relação à poesia (Lisboa, 1944)<sup>15</sup>. Aproveita a ocasião para agradecer a permissão de Gabriela Mistral para publicar sua conferência sobre o mesmo livro, proferida em Belo Horizonte em 1942, traduzida para o português pelo cunhado de Lisboa e publicada no jornal *A Manhã*.

Henriqueta Lisboa confia que a divulgação do parecer mistraliano sobre sua obra contribuirá com a divulgação e aceitação de seu livro. Além disso, cobra de Gabriela Mistral a promessa de situar o livro dentro do panorama literário continental, o qual não pudemos identificar. Na mensagem também solicita endereços de grandes nomes da literatura regional, como Victoria Ocampo e Alfonso Reyes, assim como a recomendação de alguma instituição cultural chilena que pudesse vir a se interessar por sua obra.

Com isso, vemos que a rede funciona de forma recíproca, se a tradução dos poemas de Gabriela Mistral serve para divulgar sua poesia no Brasil e assim contribuir com a integração regional, os contatos da chilena servem para promover a poesia brasileira nos países hispano-americanos, favorecendo também a integração continental. Essa rede estabelecida entre as

<sup>14</sup> Carta de Gabriela Mistral a Henriqueta Lisboa, sem local, sem data. Disponível no Acervo do Arquivo de Escritores Mineiros (UFMG).

<sup>15</sup> Carta de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, Belo Horizonte, 20 abr. 1944.



poetas também serviu de suporte emocional, como vimos no caso da preocupação de Gabriela Mistral com a crítica negativa sobre o livro de Henriqueta Lisboa, e como é possível ver em várias cartas da mineira, quando pede atualizações sobre a delicada situação de saúde de sua amiga (Lisboa, 1941; 1943; 1944).<sup>16</sup>

Esse apoio emocional foi de grande contenção quando Gabriela Mistral perdeu seu filho Juan Miguel, chamado carinhosamente de Yin Yin<sup>17</sup>, em 1943. A carta de 16 de novembro de 1943, três meses após o suicídio do jovem, foi enviada para quatro pessoas: Henriqueta Lisboa, Palma Guillén (amiga e secretária de Mistral da época mexicana), Jorge de Lima e Povina Cavalcanti (Pizarro, 2005, p. 44). Nela, a chilena pedia que após lerem a carta, os destinatários a devolvessem, pois tratava-se de uma missiva especialmente pessoal, na qual desabafava sua dor e culpava à xenofobia da sociedade brasileira pela decisão do filho. O fato de Henriqueta Lisboa estar entre esses quatro nomes fala da intimidade e da confiança que Gabriela Mistral depositava na amiga mineira. Entretanto, permite também pensar na assimetria existente em relação aos outros contatos aqui analisados (Mário de Andrade e Cecília Meireles), com quem Gabriela Mistral não dialogou acerca de assuntos mais pessoais ou íntimos. Isso pode ser elucidado pelos diversos interesses que nortearam as correspondências, e abre caminho para refletirmos sobre a relação bilateral entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade.

A amizade e a troca epistolar entre Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa eram tão intensas e fluidas quanto a de Cecília Meireles e Gabriela Mistral. Sua identificação com a poesia de Henriqueta Lisboa o faz refletir sobre o seu próprio processo de criação poética, ressoando inclusive em suas trocas literárias com Carlos Drummond de Andrade:

S. Paulo, 24-VIII-44

Meu Carlos

Estou me preparando [*sic*] pra ir a Belo Horizonte, voo no dia 2. [...]

E estou tocando no assunto mais grave da sua carta, sem o querer — essa história de que tanto o sentimento lírico como a ideia lógica só podem se revestir duma

<sup>16</sup> Cartas de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, Belo Horizonte, 18 fev. 1941; 26 fev. 1943; 2 maio 1945. Nessas três mensagens HL menciona a saúde de GM. Na primeira, de 18 de fevereiro de 1941, respondendo a algum comentário de GM: “Peço a Deus para que sua saúde se reestabeleça por completo”. Nas outras duas cartas: “E sua saúde?” (26 fev. 1943); “Se não quiser vir para ficar, venha ao menos a passeio por um ou dois meses, que isso lhe faria bem à saúde” (2 maio 1945).

<sup>17</sup> Apesar de ela se referir a Yin-Yin como seu sobrinho, filho de seu meio-irmão e criado por ela desde os três anos, Doris Dana, grande amiga da última década de vida de Mistral, comentou em entrevista que Gabriela teria confessado ser seu filho biológico, fruto de uma aventura de sua juventude na Europa (AQUEA, Cherie Zalaquett. “Doris Dana, la albacea de la Mistral, rompe el silencio: ‘Me da escalofrío lo que dicen de Gabriela’”. In: *El Mercurio*, Revista El Sábado, 22 nov. 2002).



expressão verbal. Eu também já embarquei muito nessa canoa, ela é tão lógica, tão sedutora que parece verdadeira, será? Duns tempos [*sic*] pra cá, ando meio cético a respeito dela, e justamente porque faz uns dois anos ou pouco mais me apaixonei pelo fenômeno da criação estética. Em parte, aliás, isso derivou duma carta da Henriqueta Lisboa, em que, sem nenhuma premissa que eu tivesse lido, observando as minhas Poesias, ela descobria que por mais “dirigido” que fosse um poema dos meus, ela percebia a espontaneidade, a fatalidade com que era criado. Fiquei, é lógico, muito satisfeitamente comovido com a compreensão que ela tinha de mim, não só porque outros críticos, no caso, sei que levianos, dizem da falta de espontaneidade, até falta de sinceridade do que publico, como porque eu mesmo sou obrigado a reconhecer que uma conceituação mais geral (e errada) de espontaneidade, de sinceridade, observando o voluntarioso que há em toda a minha obra, tem muita possibilidade de concluir assim. [...] <sup>18</sup>.

Na correspondência ativa de Mário de Andrade, podemos acompanhar as visitas que ele fez a Belo Horizonte em novembro de 1939 e em setembro de 1944. Depois dessa última viagem, ele comunica a Paulo Duarte:

Paulo querido

Eu já falei, faz bons anos, que considero a inteligência mineira a mais completa e harmoniosa do Brasil, acho sim. Encontrei lá [em Belo Horizonte] um grupo de novos extraordinário, você não imagina. [...] (\*) só oásis da casa da Henriqueta Lisboa onde eu descansava daquela ventania de problemas, almas e dúvidas <sup>19</sup>.

Já no arquivo de Henriqueta Lisboa encontramos uma carta enviada por Mário de Andrade, em que se refere à poesia dela como carente *originalidade*, mas não de força poética. Nas palavras de Andrade (1940):

17 de abril de 1940

[...]

o que falta sutilissimamente a você, poeta incontestável e forte, é a originalidade. Não a originalidade original por si mesma, porém a originalidade de [...] Henriqueta Lisboa, a expressão real de si mesma. Pode-se dizer que até você foge, em poesia, você se recalca em poesia, quando justamente a poesia, em vez de máscara, é a expansão sublimada de todos os recalques <sup>20</sup>.

Notamos uma abertura significativa de Mário de Andrade para se comunicar com Henriqueta Lisboa no tocante à poesia, afinal, a crítica proferida, apesar de encorajadora, é

<sup>18</sup> Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 24 ago. 1944. Cf. ANDRADE, Mário de. *A lição do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Ed. prep. pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

<sup>19</sup> Carta de Mário de Andrade a Paulo Duarte, São Paulo, 30 set. 1944. Cf. DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

<sup>20</sup> Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, 17 abr. 1940.

severa. No entanto, eles confiam mutuamente na leitura do outro(a), a ponto de destacar fortalezas e debilidades de sua criação poética. No decorrer dos anos, o olhar de Mário de Andrade sobre a poesia de Henriqueta Lisboa permaneceu frequente e atento. Em carta de 8 de agosto de 1942, o autor de Macunaíma informa:

Henriqueta

sua carta me deixou num desejo pavoroso de ir a Belo Horizonte [sic] pra estar com você e ouvir a conferência da Mistral sobre você. Gozei, mas estou gozando horrenderrimamente com a compensação. Assim é um dos mais altos espíritos da América que escolhe e dedica uma conferência inteira a você. Estou feliz mas feliz completamente. E também com uma vaidade gorda, rechonchuda da companhia boa. Já somos pois “em” dois a gostar da sua poesia e colocá-la no plano em que merece estar<sup>21</sup>.

A confiabilidade de Mário de Andrade na leitura de Henriqueta Lisboa é ressaltada também em outra carta, não datada<sup>22</sup>:

Você ficou de me escrever longo sobre a estadia da Mistral aí, fiquei esperando. Muito obrigado por sua carta sobre o Movimento modernista. Não me consola do que eu não fiz; não poderia disfarçar a indecisão interrogativa em que estou do que ainda possa fazer. Mas é o seu carinho que me vem, seu coração compreensivo, seus ombros piedosos que impiedosamente escolhi para descansar. Henriqueta boa que procura animar o menino poeta. E anima. Deus te abençoe em todos os instantes em que me lembro de você, preciso de você e queria você junto de mim.  
Mário.

As cartas revelam que, para Mário de Andrade, Henriqueta Lisboa ocupa um lugar de *porto seguro* no mundo da crítica literária. Busca contenção e ânimo, abre seu coração para ela sem ressalvas, confia. É por isso que Henriqueta Lisboa sente tanto a morte de seu amigo, em 1945, a quem visitara duas semanas antes em sua casa de São Paulo (11/02/1945): “Carlos //

<sup>21</sup> Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, 8 ago. 1942, grifo das autoras. Cf. ANDRADE, Mário de. Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Organização por Abigail de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, p. 100.

<sup>22</sup> A menção à visita de Gabriela Mistral nos permite atestar que a carta foi escrita e enviada no ano de 1942. Em nota na edição, Abigail de Oliveira explica: “Henriqueta Lisboa não conservou a primeira folha (duas páginas) desta carta”. Assim é o início do manuscrito: “[...] Dinamarca, Holanda e Bélgica, Hitler foi assassinado, milhões de fogos-de-artifícios [...]”. A carta posterior a esta é de 7 de dezembro de 1942. Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, [1942], grifo das autoras. Cf. ANDRADE, Mário de. Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Organização por Abigail de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990, p. 107-110.

Tantas, tantas coisas. Estou esperando neste momento a Henriqueta Lisboa que vem almoçar aqui em casa”<sup>23</sup>.

Quando Mário faleceu, sabendo da estima que Henriqueta Lisboa tinha pelo escritor paulista, Gabriela Mistral manifesta suas condolências e busca animar a amiga, compartilhando sua experiência com o luto por Yin Yin:

Creo que nadie pensaba que se nos muriese 'el más vivo' de cuantos vivimos en Brasil [...] No pretendo consolarle porque eso sería un pobre intento. Tal vez Ud. logre de él otra forma de compañía, como la voy consiguiendo yo de Yin Yin. Es un largo camino pero se llega. Solo entonces se vuelve a vivir con alguna aceptación<sup>24</sup>.

Henriqueta Lisboa responde emocionada e diz não saber como chegaram nessa conexão humana, mas atribui à palavra essa função de amizade entre ambas “são elas [as palavras] o princípio de conhecimento mútuo, são elas a antecipação dos encontros espirituais”<sup>25</sup>. Essa humanidade de Gabriela Mistral sempre cativou Henriqueta Lisboa, e assim o expressou numa carta a Mário de Andrade: “Espírito buscador ela chamou-me. Contudo, junto dela, eu me senti tão comodista. Que grande alma, que grande sinal de Deus naquela fronte como que repousar” (Lisboa *apud* Paiva, 2009, p. 1289).

O traço humanitário da chilena também cativou Cecília Meireles “Porque mesmo a sua poesia, tão grande e profunda, é apenas o remate da criatura humana que ela foi” (Mistral; Meireles, 2003, p. 2), e por isso insistiu no encontro com Mário de Andrade, enviando uma carta, em novembro de 1937, ao reconhecido escritor em que dizia:

deve ter chegado ontem à noite, a São Paulo, a grande poetisa chilena Gabriela Mistral. Ela é uma poetisa deveras notável, não pelo que mais se conhece e celebra — o Desolación, que já conta seus 15 anos — mas pelos belíssimos inéditos que, neste momento, já são quase livro.

Entre as pessoas que lhe recomendei visitar em S. Paulo, figura você logo na primeira linha. Creio que vocês se entenderiam bem. Ela gosta de conversar literatura, teologia, indianismo (é uma espécie de missionária lírica...), e outras coisas que você logo perceberá. Não se deixe levar pela primeira impressão:

<sup>23</sup> Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 11 fev. 1945. Cf. ANDRADE, Mário de. *A lição do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Ed. prep. pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

<sup>24</sup> Carta de Gabriela Mistral a Henriqueta Lisboa, sem local, [1945]. Disponível no Acervo do Arquivo de Escritores Mineiros (UFMG).

<sup>25</sup> Carta de Henriqueta Lisboa a Gabriela Mistral, Belo Horizonte, 7 abr. 1945.

procure compreendê-la com paciência e carinho. Ela é bastante surpreendente. Ademais, é uma grande amiga das crianças — ficará encantada com os Parques. Poetisa, professora, cônsul, representante do Chile na S.D.N. e mulher de um [generoso] coração já bem sofrido, creio ser para você agradável conhecê-la (Meireles *apud* Matos, 2016, p. 202).

Cecília Meireles insiste porque conhece o escritor brasileiro e acredita que a conexão entre ele e a chilena seria frutífera. Ao tempo que entende a personalidade de Gabriela Mistral — e chega até a advertir que a primeira impressão provavelmente não seja a melhor —, antecipando os gostos e recomendando temas de conversação e passeios na cidade. Vemos que o papel mediador de Cecília Meireles foi fundamental para as amizades e redes de Gabriela Mistral no Brasil, tanto que, efetivamente, Mário de Andrade e Gabriela Mistral trocaram correspondências e comentaram suas obras entre si.

O primeiro encontro entre eles teve lugar em 1937, assim como Cecília Meireles pediu. Sobre ele, Mário de Andrade lembra, em artigo de 1940 publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>26</sup>, ter conhecido a poeta “já em plena maturidade, macia e lenta” — característica também observada pelas suas duas amigas, Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa. Assim como Cecília Meireles, Mário de Andrade observa na personalidade de Mistral um ar de ancestralidade nativa; se para Cecília Meireles ela era uma *rainha Quéchu*a, para Mário Andrade:

emanava [*sic*] della, de seus gestos, dos seus [*sic*] assumptos, uma experiencia [*sic*] misteriosa, muito mais velha que [*sic*] ella, que parecia transcender à sua própria [*sic*] existencia. Vinha-nos [*sic*] della um som antigo [...]. [*Sic*] Ella me dava a impressão de uma força das antigas [*sic*] civilisações asiáticas ou americanas<sup>27</sup>.

Assim como antecipou Cecília Meireles, os assuntos encantaram Mário de Andrade. Entretanto, chama a atenção a forma de qualificar a experiência da poeta. Ao lhe adjudicar o caráter de *misterioso*, o escritor expõe o enigma que a figura de Gabriela Mistral criava ao seu redor, principalmente, por se conhecer pouco sobre sua vida pessoal. Isso torna-se mais esclarecedor quando, já para o final do artigo, o escritor paulistano declara não ter conhecido uma mulher intelectual do tipo: “Em quase todas as mulheres que tomam a forma de

<sup>26</sup> No artigo, Mário de Andrade escreve que conheceu a poeta em 1927, no entanto a chilena não esteve no Brasil neste ano. A primeira visita ocorreu em 1925 e em 1937 a segunda, bem provavelmente, a data a que se refere o escritor. Carlos Decap (2022) também comenta sobre essa confusão de datas.

<sup>27</sup> ANDRADE, Mário de. “Gabriela Mistral”. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1940.

“itellectuaes” [sic] sempre alguma coisa me desagrada, algum abuso de si mesmas, algum excesso, algum esquecimento”. Fato curioso que aparenta ser contrário ao que ele mesmo expressa nas cartas que envia para as escritoras, nas quais deposita confiança no arbítrio delas, em sua leitura e no seu critério poético e de vida.

Se olharmos essa contradição sob a lupa dos estudos feministas, é possível entrever esse gesto de Mário de Andrade como uma afirmação de sua virilidade visto que, diferentemente de como ele se expressa na intimidade, de como ele se dirige às mulheres amigas, no jornal ele escolhe manifestar seu desagrado para com as mulheres intelectuais enumerando sua desconfiança e, dessa forma, inferiorizando-as.

Millet (1995), ao descrever as lógicas de poder que perpetuam o patriarcado, comenta que o mito da superioridade masculina se sustenta por uma espécie de consenso geral, do qual participam homens e mulheres, que, baseada no domínio sexual, se manifesta em todas as formas políticas, sociais e econômicas. Mário de Andrade, ao qualificar as mulheres intelectuais de abusadas e excessivas, situa os homens intelectuais na calçada oposta. São criteriosos e contidos, como ele próprio. Mas, qual a necessidade de Mário de Andrade de se posicionar dessa maneira?

De acordo com pesquisas recentes (Braga-Pinto, 2022), Mário de Andrade teria velado sua orientação homossexual, um tabu na época, e sido vítima de chacota e fofocas vindas, principalmente, de Oswald de Andrade. Jorge Vergara (2015, p. 99) relembra que, “Em 1929 a Revista de Antropofagia publicou críticas nas quais Mário de Andrade foi chamado de ‘Miss São Paulo’, ‘Miss Macunaíma’, ‘Dona Maria’, ‘a mais genuína representante da antropofagia feminina no Brasil’ e ‘comadre também, e das boas’”. Sendo assim, os comentários feitos por Mário de Andrade no artigo sobre Gabriela Mistral podem ser vistos nessa chave da afirmação da masculinidade que comentamos anteriormente.

No mesmo artigo, ele declara:

Falei por mim de Gabriela Mistral como mulher, deixando que estes seus versos recentes falassem do seu espírito. É a inteligência feminina mais exata, mais sincera que jamais conheci. Em quase todas as mulheres, que tomam a forma de

“intelectuais” sempre alguma coisa me desagrada, algum abuso de si mesmas, algum excesso, algum esquecimento igualmente falsificador<sup>28</sup>.

A intelectualidade de Gabriela Mistral foi a “mais exata, a mais sincera” que ele conheceu. A explicação disto encontra-se, de uma forma velada, na declaração “Desprovida já dos encantos mais visíveis de moça” que, logo após pouco tempo de convivência com ela e sua personalidade estrita de educadora universal e de hábitos passados “nós parecíamos, a seu lado, umas crianças”. Mas entre Gabriela Mistral e Mário de Andrade existiam quatro anos de diferença de idade, o que permite pensar que a diferença real, não era a idade, senão a forma de viver a vida e a poesia.

A 6 de janeiro de 1942, Mário de Andrade escreve a Moacir Werneck de Castro:

São Paulo, Reis de 42

Gostei muito de você gostar da Gabriela Mistral, adoro ela. Que encanto impregnante vai aconchegando a gente enquanto ela fala, você reparou? Ela é uma espécie daquele chinês sábio, de Malraux. Com mais humanidade. [...].<sup>29</sup>

Falou-se muito do classicismo dos versos mistralianos. Inclusive seus contemporâneos chilenos a chamaram de “retardatária” (Rojas, 2010, p. XIII). Porém, a experiência brasileira e a convivência com grandes expoentes do Modernismo brasileiro significaram uma mudança em sua poética.

Como adianta Ana Pizarro (2005, p. 62), foi no Brasil que Gabriela Mistral começou a escrever o magnífico *Poema de Chile*, publicado em 1967, uma década após seu falecimento. Trata-se de uma composição de setenta e sete poemas, de métrica e rima variada, que versam sobre seu país natal: geografia, flora e fauna, sociedade e idiossincrasia de seus habitantes. Uma verdadeira busca da essência chilena através da poesia que, segundo Doris Dana, companheira e testamenteira da chilena, a escrita desse livro “No fue un afán literario, sino una necesidad vital” (Dana, 1967, p. 31).

Gabriela Mistral foi uma grande admiradora do Modernismo brasileiro por causa do retorno ao vernacular, à origem e essência brasileira; na já citada entrevista concedida ao jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 1945, a chilena expõe sua admiração pelo

<sup>28</sup> ANDRADE, Mário de. 1940. “Gabriela Mistral”. In: *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1940.

<sup>29</sup> Carta de Mário de Andrade a Moacir Werneck de Castro. 6 jan. 1942.

Modernismo brasileiro. Na época, como afirma Cormick (2022, p. 115), América Latina foi testemunha de um desdobramento de indagação identitária e o Brasil não ficou isento. Desde a década de 1930, nomes como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre refletiam acerca da identidade nacional, assim como o trabalho literário de Mário de Andrade no romance *Macunaíma*.

Era um clima fértil para a auto exploração identitária que, somado ao projeto de integração regional, resultou em uma nova etapa para a criação poética de Gabriela Mistral. Segundo Pizarro (2005, p. 62), o *Poema de Chile* é próximo do espírito do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles; assim como se aproxima da poética de Henriqueta Lisboa, no conjunto de poemas “Madrinha Lua”. Ainda segundo Pizarro (2005, p. 68), Gabriela Mistral será mais próxima da segunda geração modernista, mais voltada à sensibilidade social, com interesse na vida cotidiana e simples, aspectos que compartilhava com esses escritores.

Por ser de uma personalidade rural e austera, não sentirá identificação estilística com a primeira geração, mas sim admiração pela criatividade e pela inovação dos poetas, chegando a traduzir alguns poemas de Mário de Andrade, segundo informara na carta de 28/11/1937, após o primeiro encontro entre eles: “Y ruego a mi colega admirado y querido darme algunos poemas más de los suyos, tan pocos, que tengo, a fin de seguir traduciendo”<sup>30</sup>.

Na mesma carta, Gabriela Mistral envia-lhe um exemplar da Revista *Hispánica Moderna*, da Universidade de Columbia, e anuncia que contatou o professor Federico de Onís, editor de seu primeiro livro, para solicitar colaborações do brasileiro para a mesma revista “Le añado que podría hacer un bello nº dedicado a poesía brasilera nueva y le ofrezco algunas traducciones mías”<sup>31</sup>. Gabriela Mistral valeu-se da boa relação que tinha com os hispanistas residentes nos Estados Unidos para divulgar a literatura brasileira como parte de seu projeto de integração regional, ainda antes de ocupar o cargo consular no Brasil.

Sobre o artigo de Mário de Andrade de 1940, Gabriela Mistral responde: “Es de las más nobles cosas que se han escrito sobre mí y quiero decirle cuán obligada le estoy por haberme

<sup>30</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 28 nov. 1937 (*apud* Matos, 2016, p. 201-202).

<sup>31</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 28 nov. 1937 (*apud* Matos, 2016, p. 201-202).



dado todo ese tiempo así como por [las lunas] de San Pablo”<sup>32</sup>. Na mesma carta, ela compara a escrita de Mário de Andrade ao “limón sutil” chileno, uma espécie de limão adocicado, usado para acompanhar a culinária marítima. Trata-se de um elogio ao escritor, cuja escrita moderada (nem azeda, nem doce) é fácil e gostosa de digerir: “tiene para mí, en su escritura, ese sabor doble y precioso. Por eso le he frecuentado, y le frecuentaré, leyéndole siempre” (Mistral, 1940)<sup>33</sup>. Finaliza a carta contando onde está hospedada e solicitando-lhe uma visita, que não foi possível constatar se foi realizada.

As cartas de Gabriela Mistral a Mário de Andrade diminuíram nos anos seguintes, intuímos que por razões de saúde da chilena — em cartas do mesmo período a escritores brasileiros, Gabriela Mistral comenta sobre um problema de visão que lhe impede de ler e escrever como gostaria. A última carta a que tivemos acesso, datada de dezembro de 1944, foi escrita desde Santiago, durante uma viagem de Gabriela a seu país natal e à Argentina. Nela, a chilena envia-lhe saudações pelas festas e expressa “mi cariño de su poesía que Poesias completas doblaron” (Mistral, 1944).<sup>34</sup> Na realidade, segundo Matos (2016), trata-se de Poesias (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941), a poesia completa do autor será publicada uma década depois de seu falecimento.

Sobre a poesia do escritor brasileiro, Gabriela Mistral, em tom confessional, aponta:

Yo no sabía hasta dónde Ud. había hecho las raíces de la poesía nueva de aquí. Ese trabajo en profundidad y en esencia, ese hueso original que le debemos, me hace deudora de Ud., por más que yo sea un alga del Pacífico y me hace su confesada hermana menor, ¡aunque le lleve tantos años!<sup>35</sup>.

Esse aparente desconhecimento da importância de Mário de Andrade para a poesia brasileira elucida uma atitude recorrente de Gabriela Mistral: a humildade e modéstia com que se apresentava diante de seus pares, principalmente quando eram homens. Silvina Cormick (2022, p. 111) explica que essa foi uma estratégia da chilena para atingir reconhecimento no ambiente literário e intelectual da época, constituído majoritariamente por homens. O fato de

<sup>32</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, sem local, 22 abr. [1940] (apud Matos, 2016, p. 204).

<sup>33</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, sem local, 22 abr. [1940] (apud Matos, 2016, p. 204).

<sup>34</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, Santiago de Chile, dez. 1944 (apud Matos, 2016, p. 205).

<sup>35</sup> Carta de Gabriela Mistral a Mário de Andrade, Santiago de Chile, dez. 1944 (apud Matos, 2016, p. 205).

ela se posicionar como *irmã menor* do brasileiro, implica um reconhecimento e um respeito pela tradição da poesia brasileira e regional.

### Considerações finais

A constituição e a manutenção de redes de sociabilidade foram estratégias de Gabriela Mistral desde o início de sua carreira literária e intelectual. Foi graças a esses contatos que a chilena alcançou reconhecimento nacional e internacional, por tanto nunca abandonou a prática.

No Brasil, a rede de contatos pode ser entendida em várias frentes: por um lado, a afinidade pessoal, como no caso de Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa, chegando a constituir uma verdadeira amizade; mas também pela afinidade estética. Como vimos, houve uma identificação com a poesia destas duas escritoras, tanto pela temática, como pelo tom poético. Por outro lado, como no caso de Mário de Andrade, a afinidade surge pelo reconhecimento e respeito à tradição literária brasileira, chegando o Modernismo brasileiro inclusive a influenciar sua obra, sobretudo no que diz respeito à valorização da cultura nacional — exemplo disso é seu livro póstumo *Poema a Chile* — do que à inovação estilística.

Outra questão que norteou a rede de contatos foi o projeto intelectual que a chilena desenvolveu desde seus primeiros passos no ambiente letrado. Trata-se de um projeto de integração regional, no qual a diferença linguística entre a América Hispânica e o Brasil resultou em uma profunda atividade tradutória, uma convivência intensa entre ambas as línguas — note-se que as cartas enviadas por Gabriela Mistral estão sempre em espanhol, assim como as recebidas estão em português — e também em um esforço pela divulgação da literatura, principalmente poesia, do Brasil no continente americano, assim como da poesia hispano-americana no território brasileiro.

Por último, não podemos esquecer a insistência de Gabriela Mistral em reconhecer seus pares mulheres. Nesse sentido, as redes no Brasil também funcionaram como estratégia para legitimar a prática literária das mulheres. Cada vez que tinha oportunidade, Gabriela Mistral evocava suas colegas, demonstrando um esforço por divulgar a poesia de suas contemporâneas.

Mário de Andrade, negro e homossexual, soube em sua trajetória como dialogar e negociar com a sociedade intelectual paulista, paulistana e brasileira, enraizada nos princípios

do patriarcado. Não é por acaso que ele estabelece diálogos de troca de ideias e laboratório de criação literária, com Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Henriqueta Lisboa, mulheres escritoras de seu tempo que tinham em comum, assim como ele, um projeto poético, intelectual e integrador.

### Referências

BRAGA-PINTO, César. "A sexualidade de Mário de Andrade 'ninguém o saberá jamais'". In: Santa Barbara Portuguese Studies, v. 10, p. 157-183, 2nd Semester 2022.

CORMICK, Silvina. "Gabriela Mistral: Construcción de su figura intelectual como voz y conciencia de América" In: CORMICK, Silvina (ed.). *Mujeres intelectuales en América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2022.

DANA, Doris. "Al lector" In: MISTRAL, Gabriela. *Poema de Chile*. Santiago: Editorial Pomaire, 1967.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. IDEA. Universidad de Santiago de Chile: Santiago de Chile, 2007.

DUARTE, Constância Lima. "Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: Histórias de uma história mal contada". In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30, p. 63-70, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127094005.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. "Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo". In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. E-Book.

HORAN, Elizabeth. *Mistral: una vida. Solo me halla quien me ama*. Buenos Aires: Lumen, 2024.

LISBOA, Henriqueta. *Obra completa*. Organização de Reinaldo Marques e Wander Melo Miranda. São Paulo: Editora Peirópolis, 2020 (V. 2).

LUCARES, Cristian. C. O. "Los años de Gabriela Mistral en Brasil" In: Critica.cl. Santiago: 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/53319295/Los\\_a%C3%B1os\\_de\\_Gabriela\\_Mistral\\_en\\_Brasil](https://www.academia.edu/53319295/Los_a%C3%B1os_de_Gabriela_Mistral_en_Brasil). Acesso em: 20 dez 2023.

MILLET, Kate. *Política sexual*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

MISTRAL, Gabriela; MEIRELES, Cecília. *Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas*. Ensaios de Cecília Meireles e Adriana Valdés. Traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles; poemas traduzidos por Patricia Tejeda. Rio de Janeiro/Santiago: Academia Brasileira de Letras/Academia Chilena de la Lengua, 2003.

MISTRAL, Gabriela; OCAMPO, Victoria. *Esta América nuestra: correspondencia 1926-1956*. Compilado por Elizabeth Horan e Doris Meyer; prólogo de Elizabeth Horan e Doris Meyer; edição e tradução, introdução e notas de Edgardo Russo. 1. ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2007.

PAIVA, Kelen Benfenatti. "Henriqueta Lisboa e Gabriela Mistral: entre o ensinar e o fazer canção". In: *Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Belo Horizonte, p. 1288-1293, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/sumario1.htm>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PETRA, Adriana Carmen. "María Rosa Oliver, el comunismo y la cultura argentina". In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, École des hautes études en sciences sociales, Paris,, out. 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/>. Acesso em: 27 out. 2025.

PIZARRO, Ana. "El 'invisible college. Mujeres escritoras en la primera mitad del siglo XX". In: PIZARRO, Ana. *El sur y los trópicos: ensayos de cultura latinoamericana*. Alicante: Editorial Universidad de Alicante, p. 163-176, 2004.

PIZARRO, Ana. *El proyecto de Lucila*. Santiago de Chile: LOM ediciones/Embajada de Brasil en Chile, 2005.

ROJAS, Gonzalo. Gabriela. In: MISTRAL, Gabriela. *Gabriela Mistral en verso y prosa*. Antología. Lima: Alfaguara, 2010. p. XIII-XXIV.

VALDÉS, Adriana. "Uma leitura chilena de Cecília Meireles" In: MISTRAL, Gabriela; MEIRELES, Cecília. *Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas*. Ensaios de Cecília Meireles e Adriana Valdés; poemas traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles; poemas traduzidos por Patricia Tejeda. Rio de Janeiro/Santiago: Academia Brasileira de Letras/Academia Chilena de la Lengua, 2003, p. 114-131.

VERGARA, Jorge. "Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade". In: *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 98-126, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/vortex/article/view/889/476>. Acesso em: 22 ago. 2024.

### Fontes consultadas

ANDRADE, Mário de. "Gabriela Mistral". In: O Estado de S. Paulo, 17 mar. 1940. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147798.html> Acesso em: 02 jan. 2024.

ANDRADE, Mário de. *A lição do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Ed. prep. pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Organização por Abigail de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

AQUEA, Cherie Zalaquett. "Doris Dana, la albacea de la Mistral, rompe el silencio: 'Me da escalofrío lo que dicen de Gabriela'". In: *El Mercurio* Revista *El Sábado*, 22 nov. 2002. Disponível em: <http://www.letras.mysite.com/gm171004.htm>. Acesso em: 16 ago. 2024.

DECAP, Carlos; MISTRAL, Gabriela. *Escritos en Brasil: prosa y cartas*. Santiago de Chile: FCE: Ediciones UFRO University Press, 2022.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

LANNA, Ana (org.). *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), 2010, p. 197-204. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/guia-ieb-2/>. Acesso em: 7 ago. jun. 2024.

MATOS, Regiane. *Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência*. 2016. 257f. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LISBOA, Henriqueta. [Correspondência]. *Destinatário: Gabriela Mistral*. Belo Horizonte, jan. 1941 – nov. 1945. 18 cartas. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-propertyvalue-278257.html> Acesso em: 28 dez. 2023.

MISTRAL, Gabriela. "Herminia Raccagni, no Rio". In: A Manhã, 20 jul. 1944, p. 5. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=Herminia%20Raccagni%20Gabriela%20Mistral&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23754>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MEIRELES, Cecília. [Correspondência]. *Destinatário: Gabriela Mistral*. Rio de Janeiro, antes de 1943 - 1953. 29 cartas. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-147611.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MISTRAL, Gabriela. [Correspondência]. *Destinatário: Henriqueta Lisboa*. s/l, s/d. 1 carta. Acervo do Arquivo de Escritores Mineiros.

Cuaderno 36, [Traducciones de poesía brasileña], manuscrito de Gabriela Mistral. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:139222>. Acesso em: 27 out. 2025.

[Traducciones de poesía brasileña], manuscrito de Gabriela Mistral. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:146196>. Acesso em: 27 out. 2025.

Sur, año XII, n. 6, septiembre de 1942. Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, Argentina. Disponível em: [http://publicaciones.bn.gob.ar/s2/001218322/1942/BNA\\_S001218322\\_19420900N096.pdf](http://publicaciones.bn.gob.ar/s2/001218322/1942/BNA_S001218322_19420900N096.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVER, María Rosa. *Carta de María Rosa Oliver a Gabriela Mistral*, 27 nov. 1942. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-148482.html>. Acesso em: 27 out. 2025.

VIANNA, Solena Benevides. "O panorama literário feminino no Brasil visto por Gabriela Mistral". In: Pensamento da América, 26 ago. 1945, p. 99. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:148732>. Acesso em: 24 ago. 2024.

---

**Regiane Matos** – Pesquisadora independente

Doutora em História, Política e Bens Culturais pela FGV, com estágio doutoral realizado na École des hautes études en sciences sociales (Ehess, Paris), mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras pelo IEB/USP e graduação (bacharelado e licenciatura) em Letras Português/Espanhol pela FFLCH/USP. Atua na área de curadoria, pesquisa e editoração no universo de exposições culturais, em instituições públicas e privadas.

E-mail: [regianematos89@gmail.com](mailto:regianematos89@gmail.com)

**Nadia Ayelén Medail** – Universidade de São Paulo - USP

Doutoranda do PPG-LELEHA (DLM-USP) bolsista CAPES DS, com mestrado em Ciências pelo PROLAM (USP), especialização em Educação Sexual Integral com Perspectiva de Gênero (UNSAM, Buenos Aires) e licenciatura em História pelo Instituto Superior do Professorado Dr. Joaquín V. González (ISP-JVG, Buenos Aires) e em Letras pela Universidade Paulista (UNIP, São Paulo). Atua na área de ensino de língua espanhola e cultura hispano-americana no Instituto Cervantes e na tradução freelancer para o mercado literário brasileiro.

Email: [ayelenmedail@usp.br](mailto:ayelenmedail@usp.br)